



SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA NEONATAL: ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM AO RECÉM-NASCIDO

Renata Zabini de Oliveira¹; Denise Mary Costa de Oliveira²

1. Estudante de Enfermagem; e-mail: renatazabini0103@gmail.com;
2. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: denisemarycostanurse@gmail.com.

Área de Conhecimento: Enfermagem Pediátrica.

Palavras-chave: Síndrome de abstinência neonatal. Assistência de Enfermagem. Papel do Enfermeiro. Recém-nascido.

INTRODUÇÃO

Durante a gravidez e lactação, tanto a placenta, como o leite materno, não são barreiras naturais às drogas, uma vez que a placenta apresenta uma membrana de caráter permeável a inúmeras substâncias ingeridas pela mãe no período gestacional, incluindo as drogas lícitas ou ilícitas, tornando-se um grande fator de risco ao bebê, podendo levar a efeitos neurotóxicos. Tais efeitos, podem ocasionar inúmeras sequelas, precoces e tardias, nessas crianças, tanto a nível motor, como comportamental, durante a gestação ou mesmo na amamentação, sendo necessário a interrupção dessas substâncias químicas para minimizar os danos (ROZAS, 2004). Assim sendo, essa pesquisa deseja contribuir na sensibilização e conscientização das equipes de Enfermagem quanto às necessidades do RN diante da SAN entendendo que o primeiro contato afetivo, mais especificamente, o colo, carinho e condições de conforto da mãe e da equipe de saúde, são de fundamental importância para o bebê, no seu crescimento e desenvolvimento saudável, minimizando diretamente os sinais e sintomas de abstinência apresentados por esses recém-nascidos.

OBJETIVOS

Analisar a efetividade das ações não farmacológicas de Enfermagem na literatura científica a respeito dos recém-nascidos, com a Síndrome de Abstinência Neonatal.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, o qual permitirá um conhecimento científico, através de estudos desenvolvidos na prática, obtendo a síntese do conhecimento sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após sistemática análise da literatura, identificou-se uma alarmante aproximação do sexo feminino às drogas, sendo que estas mulheres inseridas em um cenário de dependência e desvinculação familiar e social, engravidem precocemente, expondo o feto a inúmeras substâncias de caráter tóxico, nos quais geram déficit em seu desenvolvimento e saúde. Desta forma, nota-se a imprescindível atuação da enfermagem no controle da sintomatologia do recém-nascido através de métodos não farmacológicos. Foram selecionados para leitura e analisados, 15 artigos, representados em quadros. Quadro 1: Evidencia o desenvolvimento da Síndrome nos recém-nascidos vinculado ao uso de drogas ilícitas por gestantes. Quadro 2: Apresenta ações não farmacológicas atribuídas pela enfermagem para que os sintomas da SAN sejam minimizados efetivamente.

Quadro 1: Prevalência do uso de drogas ilícitas por gestantes e o consequente índice de desenvolvimento da SAN em recém-nascidos

AUTOR	MÉTODO	PALAVRAS-CHAVES	ACHADOS
SILVA, J.A., 2016.	Estudo transversal, comparativo, de abordagem quantitativa.	Síndrome de abstinência neonatal; Gravidez; Substâncias tóxicas.	Análise de registros de pacientes no Brasil, com SAN decorrente de drogas utilizadas pela mãe, em um recorte de 15 anos. Foram então identificados 30 casos de SAN, com maior frequência na região Sudeste (SE), equivalente a 33,3%.
KASSADA, D.S.; MARCON, S.S.; PAGLIARINI, M.A.; ROSSI, R.M., 2013.	Estudo transversal.	Enfermagem de atenção primária; Enfermagem materno-infantil; Pesquisa em enfermagem clínica; Drogas ilícitas; Gestantes; Transtornos relacionados ao uso de substâncias; Complicações na gravidez.	Identificou-se uma prevalência de 18,28 de 394 gestantes entrevistadas em uma UBS do Município de Maringá (PR), no que se refere ao uso de drogas ilícitas durante o período gestacional, sendo estas predominantemente jovens, pardas, com baixa escolaridade e com renda média de até três salários-mínimos. Ademais, as drogas ilícitas em destaque foram a cocaína/ crack e a maconha.
TAMASHIRO, E.M.; MILANEZ, H.M.; AZEVEDO, R.C.S., 2020.	Estudo longitudinal.	Gestantes; Usuários de drogas; Drogas de abuso; Gravidez; Intervenção breve.	O estudo demonstrou porcentagens de mulheres que interromperam de maneira espontânea o consumo de substâncias psicoativas durante a gestação. 60% interromperam o uso de crack, 57,1% interromperam o uso de cocaína e 50% interromperam o uso de álcool.

QUEIROZ, J.M.; SILVA, R.T.; SILVA, L.E.C.; MORAIS, C.R.; RANGEL, C.C., 2021.	Levantamento bibliográfico.	Usuárias; Complicações clínicas; Estratégias sociais.	Identificou-se que a idade média das mulheres usuárias de crack é de 29,6 anos, sendo que a maioria delas, equivalente a 61.66% possuem baixo nível de escolaridade, estando esta problemática relacionada a fatores sociais, psicológicos e econômicos. Ainda, essas mulheres gestantes por medo de sofrerem preconceito não procuram ajuda, implicando em agravamentos quanto a saúde materno-fetal.
SANTIN, J., 2018.	Estudo descritivo de corte transversal.	Gravidez; Cocaína Crack; Saúde mental; Enfermagem.	Além da identificação das características vigentes das gestantes usuárias de drogas internadas em uma unidade de saúde mental no município de Porto Alegre, o estudo identificou que 93,5% das gestantes em internação apresentavam risco ao conceito, sendo 89,1% delas, diagnosticadas com Transtorno por Uso de Substâncias.

Quadro 2: Ações não farmacológicas implementadas pela enfermagem na recuperação do recém-nascido com Síndrome de Abstinência Neonatal

AUTOR	MÉTODO	PALAVRAS-CHAVES	ACHADOS
SOUSA, M.D.; MAGALHÃES, F.J.; ROLIM, K.M.C.; VASCONCELOS, S.P.; ALBUQUERQUE, F.H.S.; PINTO, M.M.M., 2019.	Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa.	Síndrome de abstinência neonatal; Cuidados de enfermagem; Período pós-parto.	Análise do conhecimento de dez (10) enfermeiras frente a neonatos com SAN, identificando a necessidade do aprimoramento dessas profissionais quanto às estratégias não farmacológicas efetivas no cuidado.
PEREIRA, S.M.G., 2012.	Estudo exploratório, descritivo, fenomenológico e qualitativo.	Síndrome de Abstinência Neonatal; Recém-nascido com SAN; Família toxicodependente; Enfermeiro neonatal; Parentalidade.	Evidencia a vivência dos Enfermeiros no cuidado ao RN com SAN e sua família, expondo a notória invisibilidade da problemática e a escassez de práticas efetivas e programas de investigação a respeito. Ademais, demonstra o fundamental papel do enfermeiro frente a problemática, no qual minimiza a sintomatologia do RN através da gestão do ambiente, alimentação e minimização da manipulação, estímulos luminosos e ruídos.
OLIVEIRA, L.G.; NUNES, N.A.H., 2021.	Revisão integrativa da literatura.	Síndrome de abstinência neonatal; Cuidados de Enfermagem neonatal; Tratamento não farmacológico; Uso de opioides.	Efetividade do atendimento de Enfermagem ao RN com SAN, através de métodos farmacológicos tradicionais e terapias não farmacológicas, como massagens, uso de musicoterapia, camas vibratórias, cobertores e aromaterapia.

PEREIRA, S.; FRANÇA, A.P.; REISINHO, C., 2014.	Estudo qualitativo, exploratório, descritivo, de abordagem fenomenológica.	Síndrome de abstinência neonatal; Toxicodependência; Enfermeiro de neonatologia.	Enfermeiros de uma Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais (UCIN) diante do cuidado à recém-nascidos com SAN e sua família, identificaram desinteresse dos pais e manifestaram dificuldades quanto aos recursos, formação, uniformização de cuidados e desatualização de instrumentos de avaliação, sendo estes, problemas que interferem na atribuição de uma assistência amplamente efetiva na assistência ao RN com SAN.
MAIA, K.M.S.; ARAGÃO, P.A.C.F., 2020.	Revisão integrativa.	Recém-nascidos; Drogas ilegais; Cuidados de enfermagem.	Atuação efetiva do enfermeiro na minimização de sintomas do RN associados à SAN, através de métodos não farmacológicos e acompanhamento domiciliar visando apoio ao binômio mãe-bebê.

COSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo atingiu os objetivos propostos, sendo efetivamente analisado na literatura a ocorrência de casos da Síndrome de Abstinência Neonatal em recém-nascidos, bem como os eminentes fatores de risco ao binômio mãe-filho, a vinculação da gestante e a dependência química a essa esfera e a eficácia da atuação do enfermeiro no cuidado através da utilização de métodos não farmacológicos.

REFERÊNCIAS

KASSADA, Danielle Satie; MARCON, Sonia Silva; PAGLIARINI, Maria Angélica; *et al.* Prevalência do uso de drogas de abuso por gestantes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 26, n. 5, p. 467–471, 2013.

MAIA, Kaline Marques da Silva; ARAGAO, Patrícia Azevedo de Castro Frota. **Atividades de enfermagem junto aos recém-nascidos filhos de pais dependentes químicos: revisão integrativa**. Thesis, 2020.

OLIVEIRA, Luana Gabriele de; NUNES, Natália Abou Hala. **PROPOSTA DE UM PROTOCOLO PARA CUIDADOS DE ENFERMAGEM AOS RECÉM-NASCIDOS COM SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA NEONATAL**. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, p. 152–152, 2021.

PEREIRA, Sílvia; FRANÇA, Ana Paula; REISINHO, Conceição. **O recém-nascido com síndrome de abstinência neonatal: olhares e desafios para o enfermeiro em neonatologia**. 2014.

PEREIRA, Sílvia Maria Garcia. **As vivências dos enfermeiros no cuidado ao recém-nascido com síndrome de abstinência neonatal e sua família**. Porto, 2012.

QUEIROZ, Jéssica Martins de; SILVA, Rafaela Teodoro da; SILVA, Lucas Eduardo Correia da; *et al.* **COMPLICAÇÕES NA SAÚDE DA CRIANÇA EXPOSTA AO CRACK/COCAÍNA DURANTE A GRAVIDEZ**. **Revista GeTeC**, v. 10, n. 29, 2021.

ROZAS, Antonio. Medicamentos na gravidez e lactação. **Revista da Faculdade de Ciências médicas de Sorocaba**, v. 6, n. 1, p. 38 - 43, 2004.

SANTIN, Jaine. **Perfil de gestantes usuárias de drogas internadas em uma unidade de saúde mental do Município de Porto Alegre.** 2018.

SILVA, Jéssica de Araújo. **Síndrome de abstinência neonatal no Brasil, 2000-2014.** 2016.

SOUSA, Maria Doraci. *et al.* **SÍNDROME DA ABSTINÊNCIA NEONATAL: INTERVENÇÕES/ATIVIDADES DE ENFERMAGEM JUNTO AO RECÉM-NASCIDO E A PUÉRPERA.**

TAMASHIRO, Eliza Maria; MILANEZ, Helaine Maria; AZEVEDO, Renata Cruz Soares de. **“Because of the baby”: reduction on drug use during pregnancy.** *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 20, n. 1, p. 313–317, 2020.